

VÍNCULOS AFETIVOS ENTRE CRIANÇAS ADOTADAS E SEUS CUIDADORES EM FAMÍLIAS HOMOPARENTAIS: UMA COMPREENSÃO PSICANALÍTICA¹

EMOTIONAL BONDS BETWEEN ADOPTED CHILDREN AND THEIR CAREGIVERS IN HOMOPARENTAL FAMILIES: A PSYCHOANALYTIC PERSPECTIVE

Guilherme Santiago Sousa²

RESUMO

O estudo investiga por meio de revisão bibliográfica e narrativas colecionadas pela plataforma do *Youtube*, como se constitui o vínculo entre crianças adotadas e cuidadores homossexuais. A família homoparental, apesar de não ser inaugurada no século XXI, ainda enfrenta desafios sob olhar do preconceito social e religioso, reverberando nos cenários político e jurídico. A psicanálise sustenta em sua teoria e na prática clínica, que desejar um filho e proporcionar a ele um ambiente suficientemente bom, bem como ressignificar o trauma da adoção por meio da elaboração e da fantasia, fortalece o elo com a criança adotada. O desejo de tornar-se família e, de certa forma, reintegrar-se à heteronormatividade, coloca em pauta a necessidade de ampliar os estudos e pesquisas sobre o fenômeno, assim como manter integralmente a singularidade e a cultura das famílias plurais.

Palavras-chave: Família homoparental; Psicanálise; Adoção; Vínculo; Constituição psíquica.

ABSTRACT

This study investigates, through a literature review and narratives collected from the YouTube platform, how the bond between adopted children and homosexual caregivers is formed. Homoparental families, although not a 21st-century phenomenon, still face challenges under the gaze of social and religious prejudice, which in turn reverberates in the political and legal arenas. Psychoanalysis, in its theory and clinical practice, maintains that desiring a child and providing them with a sufficiently good environment, as well as reinterpreting the trauma of adoption through elaboration and fantasy, strengthens the bond with the adopted child. The desire to become a family and, in a way, reintegrate into heteronormativity, highlights the need to expand studies and research on the phenomenon, as well as to fully maintain the uniqueness and culture of plural families.

Keywords: Homoparental Family; Psychoanalysis; Adoption; Bonding; Psychic constitution.

¹ Trabalho de Conclusão do Curso de Psicologia desenvolvido no segundo semestre de 2025, sob orientação do Prof. Dr. Cleber Gibbon Ratto.

² Acadêmico do 9º período do Curso de Graduação de Psicologia da Universidade La Salle - UNILASALLE. Contato eletrônico: santiagoguilherme1990@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

A expressão do amor é uma capacidade humana e materializa-se na construção de laços afetivos entre pais e filhos, namorados, amigos e outras tantas relações. Para a psicanalista Ana Suy (2022, p. 25), o amor é uma experiência imponente demais para reduzir-se a um único modo. Sob essa perspectiva analisamos os progressos sociais e culturais, que tornam o mundo mais plural e contemporâneo. Logo, as transformações do conceito do termo família vêm se multiplicando, não apenas presa à estrutura heteronormativa e patriarcal, e com a figura dos filhos, esses simbolizando o fruto do amor da relação heterossexual.

Para estender e ampliar os direitos constitucionais aos cidadãos brasileiros, em maio de 2011, o Supremo Tribunal Federal brasileiro reconheceu a união de homossexuais como entidade familiar merecedora de mesma proteção jurídica que a união estável. Entretanto, o Brasil está longe de ser pioneiro - comparativamente, a Dinamarca, em 1989, vinte e dois anos antes do Brasil, foi a pioneira nessa quebra de paradigma do conceito da família³. Não à toa que progressos sociais e no campo dos direitos humanos potencializam o desenvolvimento das nações: a Dinamarca é o quarto país mais desenvolvido do mundo; enquanto o Brasil ocupa a 84^a colocação⁴.

O atraso brasileiro reflete uma dura realidade: somos o país que mais mata pessoas da comunidade LGBTQIAPN+. Em 2024, o país registrou 291 mortes, com aumento de 8% em relação a 2023⁵. Um terço dessas mortes aconteceram na residência da vítima; o perfil varia, dos 5 aos 75 anos de idade. A opressão e a violência não são apenas históricas, mas sim estruturais no Brasil.

Na cultura brasileira, fica ainda mais evidente o preconceito com famílias homoparentais, restringindo o sujeito homossexual ao conceito de pervertido, desviado ou pecador perante os olhos de Deus. No cenário político, observa-se forte atuação da bancada evangélica e da extrema direita, contrários às políticas públicas voltadas às minorias. Como exemplo, em 2014, tramitou, sem êxito e foi dado por arquivado⁶, o projeto de lei do Estatuto da Família (PL 6583/13), que tinha como foco manter o conceito de família, o núcleo formado

³ Matéria disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2019/06/07/a-historia-do-1o-casal-gay-de-papel-passado-do-mundo-que-ficou-junto-ate-a-morte.htm>. Acesso em 29 de outubro de 2025.

⁴ Matéria disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-brasil/2025/05/06/brasil-sobe-cinco-posicoes-no-ranking-do-idh-e-esta-na-84-colocacao.htm>. Acesso em 29 de outubro de 2025.

⁵ Matéria disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2025/01/18/brasil-teve-quase-300-mortes-violentas-por-lgbtfobia-em-2024>. Acesso em 29 de outubro de 2025.

⁶ Dados disponíveis em: <https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=597005&utm> Acesso em 29 de outubro de 2025.

por um homem e uma mulher. Para além disso, na prática estaria proibida a adoção de crianças por casais homossexuais.

Concomitante a essa realidade, esse mesmo sujeito não heterossexual, alijado e excluído pela sociedade ousa, então, agora, estabelecer também uma família e, consequentemente, colocar a figura do homem, do pai, e da sagrada família em questionamento, ao integrar-se com a sociedade e trazer consigo seu desejo de normalizar-se. Essa minoria, uma vez integrada, traz ainda mais perigo, sendo menos visível: logo, estaria o pai condenado a não ser mais do que uma função simbólica, e expõe o questionamento sobre o então poder patriarcal, por sua vez enfraquecido nos dias de hoje, respalda Roudinesco (2003, p. 8).

De posse do direito garantido à adoção, essas famílias tornam-se cada vez mais visíveis, e a divulgação de casos, potencializada pelas redes sociais, gera esperança para alguns, mas também incômodo para outros. O imaginário social atrelado às concepções equivocadas sobre os homossexuais, que agora podem educar crianças e chamá-las de filhos, reverbera um universo de preconceitos.

O processo de formação dessas famílias exige paciência das partes envolvidas - desde a habilitação judicial até a adoção, há um longo percurso com ansiedade de um lado, e abandono do outro. Por fim, quando essa união se materializa, o subjetivo se apresenta: como formar vínculo afetivo, a singularidade de ser uma família diversa no país mais homotransfóbico do mundo e as experiências traumáticas de cada membro da família. Histórias de rejeição, preconceito dentro e fora da família, no trabalho, estigmas sociais e diversas camadas nos oportunizam um complexo e interessante campo de estudo para a psicologia, em especial à psicanálise.

Segundo o Sistema Nacional de Adoção, SNA⁷, os dados estatísticos revelam números importantes: o total de pretendentes habilitados é de 32.532; sendo que o número de crianças e adolescentes disponíveis para adoção é de 5.503 - a proporção é de uma criança para 5,9 pretendentes. A dinâmica que dita o período de espera é o perfil da criança desejada - no país há 3.372 crianças ou adolescentes acima dos 10 anos de idade, ou seja, 61% da disponibilidade de crianças, contudo, apenas 700 pretendentes desejam uma criança acima dos 10 anos - 1,9% do quadro total. Optar por uma criança sem deficiência também é determinante, pois 93,9% dos pretendentes não querem adotar uma criança com deficiência.

⁷ Dados do Sistema Nacional de Adoção, disponíveis em: <https://paineisanalytics.cnj.jus.br/single/?appid=ccd72056-8999-4434-b913-f74b5b5b31a2&sheet=4fd9435-00b1-4c8c-beb7-8ed9dba4e45a&opt=curssel&select=clearall>. Acesso em 14 de setembro de 2025.

Os casais homoafetivos transformaram a vida de 50.838 crianças, apenas no período de 2021 a 2023, segundo dados da Associação Nacional dos Registradores de Pessoas Naturais - ARPEN-BR⁸. Apesar disso, o sistema judiciário ainda está contaminado pela discriminação, tanto que o Conselho Nacional de Justiça aprovou em 2023 uma resolução que proíbe juízes e desembargadores a recusar pedidos de adoção ou tutela com a fundamentação de que os pretendentes formam casal ou família não heterossexual. A adoção no Brasil nunca foi proibida para homossexuais, contudo, quando um casal ingressava com o pedido, apenas uma pessoa se habilitava no processo para dirimir possível recusa por preconceito. Logo, a criança era criada e convivia com dois pais ou duas mães, porém sem vínculo legal com aquele que era omitido no processo. Desta forma, apenas o reconhecimento legal é recente, porque na prática a homoparentalidade ocorre e sempre foi uma realidade.

A jurista Maria Berenice Dias, vice-presidente do Instituto Brasileiro de Direito de Família – IBDFAM⁹, chama a atenção para a potência que essas famílias têm para alavancar a celeridade nos processos de adoção, pois há uma flexibilização na escolha do perfil dos adotados. Não há a necessidade de que a criança se pareça com os pais, o que acontece mais com casais heteroafetivos.

Apesar desse contexto, o preconceito não se finda com o reconhecimento do STF em 2015, ou com a resolução supracitada de 2023, que visam reconhecer o direito à adoção. Pelo contrário, ele é estrutural e cultural, demandando preparação dessas famílias para lidarem com o estigma e as diversas formas de afastar e diminuir a pluralidade. Essa limitação e inflexibilidade não se configura apenas no judiciário, está também nas escolas dessas crianças e na cultura em geral.

Posto isso, o problema de pesquisa centra-se em responder: quais as singularidades presentes na constituição dos vínculos afetivos entre crianças adotadas e seus cuidadores no caso particular de famílias homoparentais, a partir de uma compreensão psicanalítica? Para tanto, o objetivo geral é compreender, sob a perspectiva psicanalítica, as singularidades envolvidas na constituição dos vínculos afetivos entre crianças adotadas e seus cuidadores, considerando as dinâmicas da homoparentalidade.

⁸ Matéria disponível em: <https://arpenbrasil.org.br/em-tres-anos-mais-de-50-mil-criancas-sao-registradas-por-casais-homoafetivos-no-brasil>. Acesso em 29 de outubro de 2025.

⁹ Matéria disponível em: <https://ibdfam.org.br/noticias/11863/Dia+Nacional+da+Ado%C3%A7%C3%A3o%3A+casais+homoafetivos+garantiram+direito+de+adotar%2C+mas+ainda+enfrentam+o+preconceito+da+sociedade#:~:text=Aumento%20no%20n%C3%BAmero%20de%20ado%C3%A7%C3%A3o%2C5es&text=Segundo%20dados%20da%20Associa%C3%A7%C3%A3o%20Nacional,consolidando%20este%20pa%C3%ADs%20e%20diz>. Acesso em 29 de outubro de 2025.

Logo, para desenvolver esse estudo os objetivos específicos são: colecionar narrativas de famílias homoparentais acerca da experiência de adoção de crianças; identificar nas narrativas colecionadas, desafios ligados à constituição dos vínculos afetivos entre as crianças adotadas e seus cuidadores; analisar possíveis singularidades dos processos de constituição vincular no contexto das famílias homoparentais; e discutir as implicações dos processos vinculares entre crianças e adultos no contexto da homoparentalidade e seus potenciais efeitos sobre a constituição psíquica e o laço social. O objeto deste trabalho também é de interesse pessoal do autor, que é postulante à adoção e deseja constituir uma família homoparental.

2 PERCURSO METODOLÓGICO

Trata-se de um estudo qualitativo, de natureza exploratória e descritiva, com pesquisa bibliográfica do tipo revisão integrativa, associado à análise e interpretação de narrativas de casais homoparentais. Essas narrativas foram colecionadas por meio de vídeos compartilhados publicamente no YouTube¹⁰, preservando o anonimato dos narradores, com o objetivo de respeitar a privacidade dos dados, não havendo necessidade de submissão ao Comitê de Ética em Pesquisa em Saúde, em consonância com a Resolução CNS 510/2016. A busca na plataforma foi realizada com as palavras-chave “família homoparental” e “adoção casal homoafetivo”.

Os critérios adotados para a escolha e a triagem basearam-se na quantidade de vídeos e depoimentos de uma mesma família, além de entrevistas em programas que possibilitaram a observação dos fatos e comportamentos dos sujeitos. A duração e a produção da narrativa de cada vídeo foram avaliadas de modo a permitir a captação, na fala dos participantes, do conteúdo diretamente relacionado ao estudo: adoção e vínculos afetivos.

Para o trabalho foram selecionados cinco vídeos de quatro canais diferentes, sendo duas famílias homoparentais que narram suas experiências, nas quais houve a transcrição de vinte e três trechos dos materiais colecionados. No total, foram analisadas 5h54min32seg de material no referido site de compartilhamento de vídeos.

No tocante à análise das narrativas, foram consultados documentos oficiais e obras consagradas sobre o tema, campo fértil para abordagens multidisciplinares dada a relevância do assunto. Contribuíram autores psicanalistas e psicólogos, bem como juristas, dados oficiais e

¹⁰ Sobre o *YouTube*, plataforma de vídeos online, ela foi fundada em 2005, por Chad Hurley, Steve Chen e Jawed Karim - é uma das mais acessadas no mundo. No *YouTube*, usuários enviam seus conteúdos em formato de vídeo, sobre múltiplos temas para atingir o máximo de inscritos e visualizações, contribuem Da Silva et. al. (2021, p.3).

estatísticos do Poder Judiciário e organizações de defesa dos direitos da comunidade LGBTQIAPN+, além das narrativas dos próprios casais homoafetivos, sob a forma dos depoimentos colecionados.

A narrativa tem como embasamento a ideia de performance do sujeito e de construção interacional. Sob esse aspecto, Moutinho e De Conti (2016, p. 2) destacam que, nas construções do sentido de identidade, “está envolvido o como os narradores querem ser conhecidos e como eles envolvem a audiência fazendo suas identidades”. Nesse contexto, o tipo de revisão integrativa associado à análise das narrativas amplia os depoimentos dos casais homoparentais, pois possibilita fundamentar o que poderia permanecer apenas na dimensão subjetiva da fala dos sujeitos analisados.

Ao unir revisão integrativa e análise interpretativa das narrativas, o estudo revela uma investigação articulada, capaz de alcançar a subjetividade da psicologia e oferecer uma proposta investigativa plausível para o fenômeno. Na fase de desfecho da pesquisa há ênfase no envolvimento do pesquisador em interpretar e sintetizar a literatura para construir a conclusão:

A etapa final de uma revisão integrativa corresponde à análise dos resultados das pesquisas estudadas e ao desenho da conclusão. Corresponde à fase mais complexa e criativa deste tipo de método de pesquisa, sendo esta que a diferencia dos demais tipos de revisões de literatura. Esta etapa depende de um esforço de reflexão dos pesquisadores, no intuito de realizar comentários frente às observações realizadas e criar novos conhecimentos. (Hassunuma, 2024, p. 9).

Por meio do buscador Google Acadêmico, foram levantadas obras publicadas no período de 2020 até os dias atuais, com base nos seguintes descritores: "Pais gays", "adoção", "homoparentalidade", "Psicanálise" *and* "vínculos". Nas buscas iniciais, foram encontrados 105 resultados. O localizador também apresentou materiais da área jurídica, em razão da questão legal ser um marco que possibilitou ao fenômeno uma ressignificação, que, à luz do direito, concede reconhecimento às famílias homoparentais. Contudo, o objeto de análise deste estudo é a psicanálise e os sujeitos. Assim, uma nova busca com os termos “homoparentalidade”, “psicanálise” e “vínculos” foi realizada para ampliar a coleta, possibilitando 137 resultados.

Quadro 1 - Descritores utilizados na pesquisa

Descriptor (palavra-chave)	Período	Resultados	Observações (relevância, qualidade, foco)
"Pais gays", "adoção", "homoparentalidade", "Psicanálise" <i>and</i> "vínculos"	2020 - atual	105	Nexo com o problema central - tema mais frequente na Psicologia e Direito
"Homoparentalidade", "psicanálise" <i>and</i> "vínculos"	2020 - atual	137	Muitos achados na área do Direito

Fonte: o autor (2025).

Dessa forma, as buscas foram feitas em duas oportunidades e geraram 242 achados. No processo de apuração, a triagem teve como base a leitura dos títulos e a área de estudo do material; em seguida, foram selecionados doze materiais, cujos resumos foram lidos. Destes, foram selecionadas, por fim, cinco obras - apenas artigos científicos publicados em periódicos. Excluídos outros trabalhos, como teses, dissertações, monografias, entre outros filtrados pelo Google Acadêmico.

3 EXPLORAÇÃO DO MATERIAL

Fizeram parte desse estudo cinco obras que foram lidas na sua integralidade, de acordo com os descritores acima citados. No quadro a seguir, estão relacionados os materiais selecionados:

Quadro 2 - Trabalhos selecionados

ANO	AUTOR(ES)	TÍTULO	PERIÓDICO
2025	Reis, Brenda Lobato e De Paula, Fernanda O. Queiroz	<i>Dimensão psicossocial da adoção homoafetiva: um olhar psicanalítico</i>	Cadernos de Psicologia
2022	Da Mata, Josiana Jesus e Scorsolini, Fabio Comin	<i>Conjugalidade e parentalidade adotiva em casais de gays e lésbicas: costuras a partir da transmissão psíquica</i>	Revista Avanços em Psicologia Latinoamericana
2022	Sampaio, Débora da Silva e Leal, Vândia Cristina Rodrigues	<i>Homoparentalidade adotiva: a construção do vínculo parento-filial nas adoções de casais homossexuais</i>	Revista Passages de Paris – Associação de Pesquisadores e Estudantes Brasileiros na França
2020	Sei, Maíra Bonafé e Machado, Rebeca Nonato	<i>Homoparentalidade feminina e a adoção conjunta de irmãos: expectativas e impasses</i>	Revista Passages de Paris – Associação de Pesquisadores e Estudantes Brasileiros na França
2019	Dos Santos, José Ronaldo	<i>Homoparentalidade: uma realidade no ambiente escolar</i>	Revista Brasileira de Educação, Cultura e Linguagem

Fonte: o autor (2025)

Na continuação, são explorados os trabalhos com destaque para os objetivos de estudo de cada obra, percurso metodológico e as principais considerações a respeito de cada uma.

A revisão literária e de caráter qualitativo propiciada pelo artigo “*Dimensão Psicossocial da adoção homoafetiva: um olhar psicanalítico*”, Reis e De Paula (2025, p. 327) corrobora com uma síntese do contexto da adoção no campo da psicanálise, psicossocial e no campo jurídico. A compreensão da dinâmica familiar e o desenvolvimento infantil encontram na perspectiva psicanalítica uma análise mais subjetiva sobre os sujeitos. Ao referenciar Lacan,

os autores citam que “a filiação, portanto, não é garantida pela natureza instintiva, mas pelo desejo dos pais de adotar seus filhos, reconhecendo-os e acolhendo-os no campo do desejo”. Essa reflexão traz à luz uma comparação entre filhos adotivos e consanguíneos: mesmo os pais biológicos precisam “adotar” seus filhos, em nível simbólico.

O expressivo número de crianças adotadas por casais homoafetivos também foi um aspecto suscitado na obra. Preliminarmente a esse marco legal, somente um era reconhecido como pai ou mãe, produzindo lacunas nos direitos das crianças em relação ao pai ou mãe renegados, sem direito à plano de saúde ou heranças, por exemplo. As adoções homoafetivas confrontam os modelos tradicionais de família, encarando os preconceitos da sociedade. A desconstrução das normas tradicionais de gênero e desassociar funções parentais ao binarismo, permite compreender que as posições parentais, mãe e pai, falam mais a respeito da função simbólica de cuidado do que do sexo biológico dos cuidadores.

O artigo “*Conjugalidade e parentalidade adotiva em casais de gays e lésbicas: costuras a partir da transmissão psíquica*”, de Da Mata e Scorsolini (2022, p. 4) realizou uma investigação qualitativa e de caráter exploratório. Os três casais entrevistados pertencem a um grupo de apoio à adoção, em Minas Gerais. Os dois temas centrais da obra foram a parentalidade e a conjugalidade. A parentalidade remete a comportamentos e hábitos vivenciados ao longo da vida pelos cuidadores. Foi possível perceber que a transmissão psíquica permite aos pais reviverem os processos que tiveram com suas famílias de origem. Pela perspectiva psicanalítica, “a família pode ser entendida como um lugar de representações que possibilitam a permanência da cultura e que constitui a subjetividade de seus membros” (Da Mata e Scorsolini, 2022, p. 3), ratificam as autoras.

A criança pode carregar traumas decorrentes das vivências com seus genitores ou familiares consanguíneos, bem como da experiência em abrigos e outras instituições pelas quais tenha passado. Diante desses abandonos e privações afetivas, os pais e mães adotivos entrevistados reproduziram, de modo inconsciente, aspectos da transmissão psíquica herdada. Essa repetição revelou-se um importante laço psíquico na tentativa de ancorar e simbolizar o afeto familiar. Por fim, observa-se que a conjugalidade contemporânea distancia-se daquela vivenciada por seus pais. Diante das transformações socioculturais da atualidade, os casais apresentam diferenças na relação conjugal do que comparado aos seus pais.

Percebendo a importância da construção do vínculo, as autoras Sampaio e Leal (2022, p. 1), no seu artigo “*Homoparentalidade adotiva: a construção do vínculo parento-filial nas adoções de casais homossexuais*”, realizaram uma pesquisa com três casais homoafetivos que

adotaram crianças. Reflexões sobre a heteronormatividade e seu poder, a predisposição da mulher para gerar filhos - sendo essa a sua função. A matriz biparental valida um projeto de nação que comprehende como papel parental aquele que tenha vínculo sanguíneo. Entretanto, a adoção inverte essa lógica, pois as trocas de afeto e concepção de psiquismo desenvolve-se com aquele que cuida.

O contexto político é pautado na obra com o PL, Projeto de Lei 5167/2009 que foi aprovado em 2023, pela Comissão de Previdência, Assistência Social, Infância, Adolescência e Família da Câmara dos Deputados. O objetivo do PL é tornar constitucional a proibição da união estável de casais homossexuais, proibindo que esses relacionamentos possam ser equivalentes ao casamento e entidade familiar. Contendo interpretações bíblicas, o PL que vai de encontro com a laicidade do Estado brasileiro. Atualmente, o PL 5.167/2009 precisa ainda ser tramitado por outras duas Comissões. Caso aprovado, seguirá para votação no Senado.

No processo de adoção, a escolha do perfil revela que o tempo varia conforme a adição de critérios relacionados à idade, saúde e raça, principalmente. Casais heterossexuais seguem a linha da matriz biparental, e os casais homossexuais têm maior flexibilidade quanto ao perfil definido. Há uma identificação com a rejeição e não se encaixa nos padrões heteronormativos. Na construção de vínculo, principalmente com crianças maiores, é esperado que o adotado teste o ambiente para conferir se este é capaz de resistir a ele. No entanto, a parceria do casal e a intervenção dos membros funcionou com função estruturante, evitando a devolução da criança.

Sei e Machado (2020, p. 65) na obra “*Homoparentalidade feminina e a adoção conjunta de irmãos: expectativas e impasses*”, dão luz psicanalítica aos aspectos de uma adoção de três irmãos por um casal de mulheres. Houve problemas com a vinculação familiar, o que ocasionou a devolução de uma das crianças. A abordagem do artigo é qualitativa e centrada na análise de um caso clínico. As mães enfrentaram dificuldades com suas famílias de origem em razão de suas orientações sexuais. Iniciaram relacionamento ainda adolescentes, contudo, em função do preconceito familiar à época, afastaram-se. Anos após, adultas e empoderadas de sua orientação sexual, retomaram o relacionamento.

O casal enfrentou dificuldades com a filha mais velha, que riscava objetos de valor, como o carro recém adquirido, e furtava objetos para guardar em seu armário, como a tesoura da casa, além da agressividade com seus irmãos, que reclamavam de violência física e verbal. Assustadas com a dificuldade vivenciada, optaram por devolvê-la e cortar o vínculo. Além do trauma do abandono para a adoção, a menina havia sido abusada sexualmente pelo pai biológico. As autoras citam Winnicott ao pontuar que muitos dos problemas que surgem na

relação entre pais e filhos adotivos não são resultantes da adoção propriamente dita, mas sim de lacunas que antecedem à adoção. Após a devolução, as mães concordaram em realizar terapia para trabalhar a dinâmica familiar, contudo, declinaram dos atendimentos.

Por fim, as autoras narram que uma das mães tinha o forte desejo de gerar um bebê, ter a criança perfeita e comportada, compactuando assim com o contrato narcisista de ver a sua imagem no outro. Diante da impossibilidade, pouco investiram no vínculo e devolveram a criança, o que gerou reflexos de receio nos outros dois irmãos. Ambas as mães negligenciaram seu luto e sua dor, buscando ter um filho a todo custo, recusando o trabalho psíquico da parentalidade adotiva.

Em “*Homoparentalidade: uma realidade no ambiente escolar*”, Dos Santos (2019, p. 15) utiliza uma pesquisa bibliográfica de abordagem qualitativa para ampliar a compreensão sobre a família homoparental, mais especificamente no contexto escolar. A obra apresenta pensamentos e arranjos que podem potencializar ações acolhedoras e inclusivas para essas famílias, reconhecendo sua identidade. Ao se apoiar em autores da psicanálise, Dos Santos reflete historicamente que os homossexuais eram perseguidos como marginalizados à sociedade e à religião, sendo desclassificados e pormenorizados.

Os homossexuais encontram preconceito ao integrarem-se na sociedade e na cultura, principalmente quando constituem família. A homoparentalidade, contudo, não inaugura uma realidade social, ela na verdade traz a discussão para uma reivindicação do seu direito de também ser família. A família homoparental tem por direito o livre convívio na sociedade, inclusive nos espaços escolares, que por sua vez, não vêm se mostrando abertos para o debate da sexualidade. Essa resistência reforça as fronteiras entre os sexos e o preconceito sobre o tema da sexualidade, mantendo a lógica da exclusão como consequência.

4 ANÁLISE DO FENÔMENO: LINHAS DE SENTIDO

A partir daqui será debatido o problema de pesquisa: quais as singularidades presentes na constituição dos vínculos afetivos entre crianças adotadas e seus cuidadores, no caso particular de famílias homoparentais, a partir de uma compreensão psicanalítica? O arranjo consiste em envolver a problemática, o referencial teórico e as narrativas colecionadas por meio da plataforma *YouTube*.

Quadro 3 – Canais e vídeos selecionados

CÓDIGO DO VÍDEO	CANAL DO YOUTUBER	NÚMERO DE VISUALIZAÇÕES	NÚMERO DE INSCRITOS	CURTIDAS
V1	C1 – Canal Família Pessoa Tardivo	3.600	28.200	330
V2	C2 – Entrevista com a Família Pessoa Tardivo - Podcast <i>PodPeople</i>	101.482	4.420.000	7.700
V3	C3 – Entrevista com a Família Pessoa Tardivo – Programa Sem Censura	75.744	2.640.000	3.900
V4	C1 – Canal Família Pessoa Tardivo	1.600	28.200	154
V5	C4 – Entrevista Família Lugar Q Fala Podcast	1.219	6.650	61

Fonte: o autor (2025)

4.1 *Ousar ser família:* sobre laços afetivos entre crianças adotadas e adultos em famílias homoparentais

O desejo de constituir uma família compareceu em diferentes depoimentos selecionados na pesquisa, revelando ao mesmo tempo as ambivalências e dificuldades de tornar público ou mesmo afirmar para si próprio o valor de tal desejo. Encontramos, por exemplo:

Eu desde muito novo falava que queria ser pai. Quando eu me entendo gay, acho que isso não é possível. Eu tenho 44 anos e naquela época, eu com 14, 15, 16 anos não tinha nenhuma referência de família como a minha, de pai como eu sou. Então eu achava que não combinava, ser gay e ser pai. Então pego meu sonho e coloco na gaveta... não tinha nenhuma referência, eu não via. Quando conheço o Paulo, ele fala que também tem esse sonho de ser pai. E eu falo, então a gente vai ser pai. (C3, V3, 2025, 12'35")

Pela perspectiva de Roudinesco (2021, p. 9), o ingresso tão aguardado a uma justa igualdade de direitos em matérias de práticas sexuais é fruto da intensa vontade de integrar-se a uma norma então infame e fonte de perseguição. O desejo das minorias por normalizar-se semeia problemas na sociedade, como será visto nas seções seguintes.

Essa aspiração também foi manifestada no depoimento de outro casal homoafetivo: “*Eu sempre quis ser pai por adoção, nunca tive e não tenho ainda vontade de ter filho biológico. E aí quando eu conheci o Alan eu tinha falado com ele que eu queria adotar e queria ser pai.*” (C5, V4, 2024, 2' 50”)

O desejo de formar uma família é uma dúvida contemporânea, como visto no depoimento do entrevistador, também homossexual, que complementa: “*Eu acho que nos*

últimos anos eu tenho me perguntado por que que eu não tenho essa vontade, o que existe nessa construção minha, do meu self, do meu ego, por que eu adoro criança". (C5, V4, 2024, 4' 35")

O mesmo narrador questiona-se sobre sua capacidade de ser pai, mas também ao mesmo tempo reflete sobre a castração, essa em razão de ser homossexual:

Eu sou uma pessoa que tem a cabeça aberta, e aí eu tava pensando, até onde essa minha incapacidade de ver um outro gay como pai, não é a minha incapacidade de me ver como pai também? É importante trabalhar o simbólico, de falar assim, existem caminhos possíveis que talvez você não esteja enxergando. (C5, V4, 2024, 55'07")

Ingressar com o processo judicial para a adoção é um ato meramente burocrático e não garante a constituição da família. Inúmeros motivos podem justificar o desejo de ser pai, mas investir no outro, na criança, é o que favorece a criação de vínculo na adoção. Lacan, a seguir argumenta sobre o quão edificante é o desejo para as relações humanas:

Se a experiência analítica nos mostrou alguma coisa foi mesmo que toda relação inter-humana está fundada numa investidura que vem, com efeito, do Outro. Este Outro está doravante em nós sob a forma do inconsciente, mas em nada nosso próprio desenvolvimento pode se realizar senão através de uma constelação que implica o Outro absoluto como sede da palavra. (Lacan, 1995, p. 382).

Para além da questão do desejo no Outro, as narrativas registram a desconfiança em ser capaz de exercer a paternidade, a falta de identidade e a simbolização da família homoparental. Winnicott (2023, p. 99) defende sobre ser suficientemente bom: “Para sermos consistentes e previsíveis para nossas crianças, devemos ser nós mesmos. Se formos nós mesmos, nossas crianças poderão nos conhecer.” O autor reflete sobre ser autêntico e não representar um papel, que a qualquer momento pode ser descoberto quando formos pegos sem maquiagem.

Concatenando o desejo e a necessidade, para estar habilitado à adoção, os pretendentes precisam realizar o curso preparatório promovido pela justiça. O mesmo auxilia na capacitação dos interessados para conectarem-se afetivamente aos seus futuros filhos:

Nos cursos que a gente tomou de preparação para habilitação da adoção, eles preparam muito bem a gente sobre isso. Existem inúmeros desafios, que é uma história real. Nesse sentido do encontro, nem sempre o primeiro encontro, essa cena de novela vai acontecer. Que às vezes o amor vai ser construído no dia a dia. (C1, V4, 2022, 59")

Na transcrição acima os pais não romantizam o primeiro encontro com a criança como aquele que eterniza o amor à primeira vista. Para tanto, o amadurecimento do casal é importante para trazer a sustentação e o cuidado necessário que a criança precisa receber na adoção. É

ilusório considerar que apenas trocar o ambiente amenizará as dificuldades com a criança. Winnicott, sustenta que:

Uma criança vítima de privação está doente, e será simplismo imaginar que um reajuste ambiental provocará uma reviravolta na criança, que deixará de ser doente para saudável. Na melhor das hipóteses, a criança que poderá se beneficiar com o simples provimento de um ambiente, começará a melhorar e, quando passar de doente a menos doente tornar-se-á cada vez mais capaz de enfurecer-se com as privações passadas. (Winnicott, 1965, p. 181).

O célebre autor alerta contra a ingenuidade de reduzir a elaboração dos traumas da criança com a singela troca de moradia. O processo de recuperação é gradual, com o investimento no próprio ambiente e nos vínculos com os cuidadores, além de sinalizar que a indignação com as privações sofridas surge quando há confiança no ambiente.

Os mesmos pais, na condição de convidados para falar sobre a adoção no Canal C2, contribuem que: “*A Sara precisava adotar a gente e não a gente adotar ela. É diferente. Não foi fácil porque ela tinha várias questões, ela tinha que viver aquele luto*”. (C2, V2, 2024, 37'41"). O casal interpretou a complexidade dos primeiros contatos de forma acolhedora, respeitando o abandono sofrido anteriormente, mas também oferecendo espaço e disponibilidade.

Os pais revelam como reconhecem os sentimentos da criança e de que maneira dialogam sobre eles: “*Filha, a gente precisa entender que ser só triste não é normal e ser só feliz não é normal. E que bom que você tá nomeando isso dentro de você, tá se sentindo assim. A gente precisa entender se você está assim todo dia, né, pra gente analisar*”. (C2, V2, 2024, 52 '39 ")

Cabe uma observação teórica sobre a última narrativa, a fim de refletir sobre a importância do apego para a criança. Bowlby (1989, p.38) argumenta que o comportamento de apego corresponde a qualquer forma de conduta que visa manter a proximidade com uma pessoa, independente do sexo biológico, considerada pela criança como a mais apta para lidar com o mundo infantil, ajudando e protegendo-a.

Os pais ampliaram o diálogo com a filha:

Se você vive só ali no passado você não vai pra lugar nenhum, meu amor. Eu tenho que te dizer que é legal você visitar esse lugar, mas não fique só nesse lugar... isso te chateia porque você coloca ela num lugar de mãe, e ela não é a tua mãe. Ela é uma pessoa que apenas gerou você, te deu ao mundo, mas ela não cuidou de você porque ela não estava preparada para isso. Ela é a sua genitora. Quando você entende a diferença de mãe e de genitora isso alivia muito pra você. (C2, V2, 2024, 54 '06 ")

Novamente Bowlby (1989, p. 43) corrobora com o estudo do apego, dessa vez ao decifrar a perda para a criança, sintetizando o processo de luto sadio e como ela pode ser

auxiliada a elaborar o trauma. Informar adequadamente à criança sobre o que aconteceu, de forma simpática, gradualmente irá ajudá-la a chegar a um acordo sobre a sua perda.

Na transcrição acima os pais chancelam o sentimento e favorecem a simbolização da figura materna para a criança, explicando a diferença entre a função da genitora e o exercício da maternidade. Esse diálogo atravessa o psiquismo infantil, possibilitando a nomeação do recalcado, a elaboração das rupturas do passado e fortalecimento dos vínculos parentais.

A dinâmica instaurada pela nova constituição da família contrapõe-se com a ordem familiar burguesa de outrora, conforme reflete Roudinesco (2021, p. 38). Até então, a ordem familiar burguesa sustentava-se em três fundamentos: a autoridade do marido, a subordinação das mulheres e a dependência dos filhos. O tumulto gerado por essa ousadia implicou em reconduzir a imagem do pai dominador ao pai ético, ascendendo a nova figura da paternidade.

Longe de corresponder ao ideal romantizado de um núcleo afetivo harmonioso, a família também pode ser fonte de sofrimento. Iaconelli (2024, p. 265) mostra que muitas famílias atuam de modo excludente, produzindo violência e rejeição. Por exemplo, aquelas que não aceitam a sexualidade dos filhos, os expulsam e eliminam o que incomoda, o que é diferente, ou seja, o que emerge de forma contrária ao narcisismo materno e paterno.

4.2 Famílias singulares: especificidades na construção dos laços e transmissão psíquica na adoção

Ao se reconhecer como homossexual, fica evidente a angústia do sujeito em não ser acolhido e aceito pela sua família de origem. O relato de um dos pais adotivos expõe esse receio: “*Não é uma opção, é uma condição. Como a gente também não escolhe, acho que também nenhum pai e nenhuma mãe projeta isso para um filho. Acaba que um primeiro contato é de medo*”. (C1, V1, 2022, 2'59”)

A particularidade em fugir à regra da heteronormatividade testa o laço familiar. Complementando a fala, a mãe do narrador relata:

Eu estava sentindo ele muito triste, muito diferente. Eu perguntava muito, você está assim... aí ele me perguntou se eu não desconfiava de nada. Eu perguntei se ele era bi, e ele disse sou. Eu falei então tá, eu torço muito pra você ser feliz, se você é feliz assim, pra mim tá tudo bem. (C1, V1, 2022, 3'50")

Em 1935, Freud (2018, p. 226) ao responder a carta de uma mãe que não mencionava diretamente que seu filho era homossexual, sustentou que era injusto e cruel perseguir a homossexualidade comparada a um crime. No mesmo conceito, defendeu a ideia de que

nenhum tratamento terapêutico pode prometer resultados para a reversão à heterossexualidade. Autêntico e atemporal, é válida a leitura:

A homossexualidade certamente não é uma vantagem, tampouco é algo de que se envergonhar, não é nenhum vício, nenhuma degradação, não pode ser classificada como doença; nós a consideramos uma variação da função sexual produzida por uma detenção no desenvolvimento sexual. Muitos indivíduos altamente respeitáveis, tanto da Antiguidade quanto de tempos modernos, foram homossexuais, vários dos maiores entre eles (Platão, Michelangelo, Leonardo da Vinci, etc.). (Freud, 2018, p. 226).

As reflexões de Freud acerca do assunto sustentam a aceitação da sexualidade do outro, não patologizando a orientação sexual e suas nuances. Entretanto, à época, década de 1930, a homoparentalidade era uma realidade sem embasamento jurídico e carecia de estudos, inclusive psicanalíticos, dedicados à singularidade sobre os casais gays.

Considerando a singularidade da homoparentalidade, a construção dos laços ocorre por meio da simbolização e da elaboração da ausência da figura materna, no caso da dupla paternidade. Sobre o que reverberou no comportamento da filha em razão dessa ausência, no caso da família do C1:

Ela não brincava de mãe e filha - boneca e bebê. Só gostava da Barbie que ela brincava de amiga. Ela verbalizava eu não vou ser mãe. Não gosto de mãe. Trauma. Eu falei pro Tiago, eu quero que ela escolha não ser mãe por outra razão, não por um trauma. (C2, V2, 2024, 45'44")

Uma criança privada do seio familiar de origem passa por significativas mudanças e tem de lidar com a perda desde muito cedo. A respeito do luto e da reconexão do vínculo, Klein (2023, p. 508) afirma que “muitos enlutados só conseguem restabelecer seus laços com o mundo externo muito lentamente, pois estão lutando contra o caos interior.” A autora cita ainda que a falta de maturidade intelectual também é responsável por esse desenvolvimento gradual.

A experiência traumática com a mãe biológica, somada à ausência da figura feminina na atual família, também foi ponto de preocupação dos pais: “*Hoje ela fala, eu quero ser mãe, mas por adoção. O que é muito bacana, porque ela está validando a nossa paternidade... a nossa forma de família. O dia que ela falou isso eu me emocionei muito*”. (C2, V2, 2024, 47'40")

Pela perspectiva de Winnicott (2023, p. 7) o nascimento parental é um processo, que não ocorre com a fecundação de um óvulo, assim como criar conexões amorosas com a criança ou bebê. Reforça ainda que se trata de uma concepção não biologizante da parentalidade, e que o ambiente precisa ser construído para a criança pelos cuidadores.

A família do C1 aborda as particularidades que marcam cada família e a adoção tardia: “*Quantas vezes a minha filha me emocionou com as primeiras vezes dela, como eu também me*

emocionei vendo o Davi andando. É muito legal, a Sara pra mim nasceu de mim, eu não lembro de ter um passado sem a Sara". (C2, V2, 2024, 44'52")

No V2, o casal entrevistado ao responder se a dupla paternidade trouxe algum aprendizado específico, afirmou:

Não é porque são dois homens educando duas crianças, mas acho que a paternidade trouxe esse aprendizado que é ser mais empático. Hoje quando eu vejo uma pessoa na rua passando qualquer situação eu troco de lugar com ela, eu me imagino sendo o pai daquela pessoa. (C2, V2, 2024, 2'13'18")

A transmissão psíquica e o desejo de ser pai ficam refletidos na fala: “*Eu com 9/10 anos eu falava que eu quero ser pai. Meu sonho é ser pai. Talvez por uma relação com meu pai biológico não muito feliz, eu transferi esse desejo para viver essa relação na sua totalidade com meu filho*”. (C3, V3, 2025, 12'20”). À luz do depoimento do narrador, percebe-se o recalque do amor entre pai e filho não realizado, como sintoma de um amor recalcado, que tende a se repetir na vida adulta, podendo assim ser transmitido a um terceiro - seu filho adotivo.

Suportar a relação e o vínculo vai para além do amor. Winnicott (2023, p. 72), entende que frequentemente os pais chegam a amar seus filhos, experienciando diversos sentimentos nesta relação. Em contrapartida, as crianças requerem dos pais algo além do amor; demandam algo que persista mesmo quando os filhos são odiados ou odiáveis.

O lastro vincular de toda e qualquer família, homoparental ou não, tem base na educação dos filhos para torná-los adultos psiquicamente castrados, como na narrativa:

A gente tem uma educação assim, ele chega com um pacote de bala e eu falei, você já tentou abrir? Ele brigou na escola ou alguma situação, eu falei você já pensou como você vai resolver? Depois eu volto aqui a gente conversa. Porque eu não posso resolver, vai lá e pede desculpa. Porque senão eu já resolvi! (C2, V2, 2024, 1'01'27").

Na psicanálise, conforme visto nos textos de Freud (2018, p. 226), despessoaliza-se o homossexual de uma vinculação à conduta marginalizada e vulgarizada. Distanciar o sujeito de uma degradação, consequentemente aproxima-o do papel de cuidador e da capacidade de ele propiciar um ambiente suficientemente bom. A singularidade da família homoparental tem como base o vínculo criado com a criança - essa aliança inconsciente ocorre no processo de elaboração da criança ao experienciar um novo arranjo familiar. A rejeição da família biológica da criança traumatiza-a, enquanto a adoção da família homoparental ressignifica a parentalidade.

Tanto a ferida narcísica marcada pelo preconceito experienciado, quanto o apoio recebido em suas famílias de origem, podem potencializar a identificação para exercer a

parentalidade. Em ambos os casos, o que constitui a experiência positiva nesse exercício é o amor na relação com os filhos. Winnicott (2023, p. 7) defende que o nascimento parental não é biológico, mas sim construído na relação. Por sua vez, a transmissão psíquica encontra na parentalidade reflexos na herança da família de origem, conforme visto na obra de Da Mata e Scorsolini (2022, p. 13).

A singularidade da construção dos laços afetivos da família homoparental encontra os mesmos desafios de todo e qualquer enlace humano: acolher, reconhecer e dar valor à humanidade que existe no outro. A moralidade existente na divergência de gênero vem arraigada pela norma social predominante, que impõe ao que é diferente um status de anormal e amoral. O nascimento de um filho não se limita ao biológico, pois a condição fisiológica atrela o bebê aos genitores, não aos pais. O vínculo entre adultos e crianças requer desde sempre e de forma inegociável, a adoção entre pais e filhos, como uma via de mão-dupla, independente da herança genética que possa ou não existir entre eles.

4.3 Laços homoparentais e “nós”: desafios para pais, crianças adotadas e a cultura

Para favorecer a compreensão ampla dessa linha de sentido, a ancoragem na citação que segue se faz necessária para dar luz ao tema:

Excluídos da família, os homossexuais de outrora eram ao menos reconhecíveis, identificáveis, marcados, estigmatizados. Integrados, tornam-se simplesmente mais perigosos, uma vez que menos visíveis. Tudo se passa como se fosse preciso impedir-lhes o inefável, o idêntico ou a diferença abolida. Daí esse terror de um fim do pai, de um naufrágio da autoridade ou de um poder ilimitado do materno. (Roudinesco, 2021, p. 10).

Três grandes períodos são marcados pela evolução da família, conforme a mesma autora. O primeiro, tradicional, serve para garantir a transmissão do patrimônio, com casamentos arranjados entre os pais para seus filhos em idade precoce - submissão a uma autoridade patriarcal. Na fase secundária, a família dita “moderna”, fundada no amor romântico, chancela a reciprocidade dos sentimentos, valorizando a divisão do trabalho e fazendo do filho um sujeito cuja educação e cultura são funções da nação.

Por fim, Roudinesco (2021, p. 19) elenca a terceira fase, a partir dos anos 1960, da família “contemporânea”, com dois indivíduos em busca de realização sexual ou íntima: “A transmissão da autoridade vai se tornando cada vez mais problemática à medida que divórcios, separações e recomposições conjugais aumentam”.

Posta essa reflexão, fica abalado o poder do pai de outrora, reflexo do patriarcado que está na retaguarda da heteronormatividade. O reflexo dessa cultura dialoga com a ideologia política, na qual aquele que governa o Estado promove o fortalecimento, ou não, da articulação entre o conhecido discurso brasileiro “Deus, pátria e família”.

Para Iaconelli (2024, p. 172), o tabu trazido pelo tema sexualidade reflete na forma como os preconceituosos comportam-se. Nessa dinâmica, emerge do inconsciente aquilo que se está recalcado, revelando o desejo e rasa elaboração do mesmo. Quando o sujeito não tem recursos para encarar a sexualidade, pode cair doente ou, no caso de um agressor, manifestar ódio por quem deseja¹¹.

Atrelando os reflexos da religião na cultura, é comum que a rigidez do dogmatismo religioso persiga o que é plural e diverso, constituindo mais um óbice à plena inclusão social. No relato da mãe de um homossexual, fica evidente essa realidade:

Eu sou evangélica, da igreja Batista, e lá a gente tem um curso de artesanato, todas as quintas-feiras. E lá saiu um comentário né, sobre gays, e uma falou assim, ah, isso é falta de porrada. A outra falou, isso é falta de vergonha na cara. Um monte de conversa assim. E eu fiquei muito chateada, porque se Deus é amor, está faltando amor entre as pessoas. (C1, V1, 2022, 6'17")

A intolerância religiosa constitui um entrave ao entendimento social e dificulta o diálogo sobre a diversidade. A imposição moral e rígida transmitida pela igreja gera tensões nas relações sociais e coloca em risco os direitos da comunidade LGTQIAPN+, após lenta evolução e recente reconhecimento legal sobre a constituição das famílias diversas. Por exemplo, é citado o PL 5167/2009, que tem apoio na bancada evangélica e conservadora para proibir homossexuais de se casarem e por consequência, adotarem e constituírem família¹².

A discriminação e a exclusão que essas famílias enfrentam gera medo, como por exemplo, em momentos de alta tensão social, como na dualidade existente nas últimas eleições:

É um preconceito muito velado, mas nessa época da eleição, estava uma parada muito aflorada, né. O coiso dava força para as pessoas. As pessoas se sentiam empoderadas para agir do jeito que elas pensam, e aí com essa representatividade que ele incentivava, nessa época a gente ficava com mais medo. (C5, V4, 2024, 22'57")

¹¹ Freud (2011, p. 31) ao discutir o narcisismo das pequenas diferenças, cita que a hostilidade dirigida ao Outro próximo decorre de um narcisismo que carece de afirmação. Ele reage de forma agressiva a qualquer desvio que possa ser crítica ao Eu. Assim, o narcisismo se empenha em afirmar-se em si. O Outro não é simplesmente um Outro, mas sim um Outro próximo.

¹² A aversão e a antipatia impactam de forma nociva nas massas e alimentam uma cultura de ódio direcionada ao inimigo escolhido pelo líder. Freud (2011, p. 25) mostra que instituições como a Igreja e o Exército, massas artificiais e duradouras, mantém sua coesão punindo qualquer tentativa de desligamento ou que desprestigue essas instituições e possa abalar a fé da massa no poder de ambas. Articuladas à política, essas instituições podem sustentar, por meio da lei, uma cultura nociva e mortífera que limita direitos e reforça a intolerância - dados sobre a violência contra a comunidade LGTQIAPN+ foram citados na nota de rodapé número 5.

O preconceito com a adoção homoparental também foi observado na fala que segue, quando relembram o momento de buscar os filhos no abrigo:

Encontramos muita homofobia. O abrigo era da igreja católica da cidade, a prefeitura só dava uma contribuição. Eles não gostavam de dois homens ali, diariamente, a cidade falava muito da gente. Vieram dois homens pegar a menina do abrigo, coitada dessa menina. (C2, V2, 2024, 38'40")

Iaconelli (2024, p. 186) sustenta que a fobia fala de um medo inconsciente deslocado. O prazer, a satisfação e a felicidade dependem da lei, que sem ela, ficamos devastados pelas inibições, sintomas e angústias. A lei que permite e limita a satisfação, não deve ser restrita a ponto de condenar o prazer à resignação. A satisfação inconsciente, composta mais por sofrimento do que de prazer, chama-se de gozo, sendo alguns sacrifícios religiosos bons exemplos disso.

O ódio manifestado contra as famílias homoparentais, na maioria dos *haters*, atinge também as crianças, não só os cuidadores, ainda confundindo orientação sexual com perversão e criminalização:

Tem gente que pega muito pesado, eu fico revoltado, tem gente que fala das crianças. Já falaram barbaridades, falaram que a gente ia abusar das crianças, assim, em termos piores e tal. Mas eu vou fazer isso? Eu não vou, entendeu, então, mas assim, passam do limite. (C5, V4, 2024, 50'13")

Freud (1996, p. 26) argumenta sobre a paranoia persecutória, em que nela é deslocado um vínculo que liga uma pessoa a outra. Como resultado desse desvio o amante se revela um perseguidor, contra quem ele dirige uma agressividade comumente perigosa, resultado do amor transformado em ódio¹³.

Ademais, o olhar discriminatório também se refletiu na preocupação dos pais no âmbito escolar:

A gente tem muita paciência, porque a gente sabe que ainda é um assunto novo. Não adianta eu chegar lá e achar que a escola já tem uma cartilha extremamente pronta. Eu posso ser uma pessoa que pode ajudar essa escola a estar pronta, desde que ela se interesse e esteja disposta, pra mim tá tudo bem. (C2, V2, 2024, 1'13'20")

¹³ Em seu argumento sobre desejo-fantasia homossexual na paranoia, Freud (1996, p. 57), relaciona também a projeção na formação desse sintoma. Inconscientemente é suprimido um sentimento e em substituição dele, o conteúdo vem à consciência, deformado e transformando o afeto em ódio.

A escola proporciona às crianças os primeiros contatos de socialização com a sua comunidade. A pluralidade ainda é um desafio no meio escolar, na sua maioria, sendo um teste para os pais:

Teve uma que a gente chegou e estava tocando música evangélica - a gente não entrou. Ainda falei pra ela, absurdo, entendeu, nada contra quem é evangélico, tem que respeitar um lugar que é plural, com certeza tem mãe ali que é espírita, umbandista, candomblecista, enfim, tem que respeitar as pessoas, não dá pra enfiar goela abaixo a sua religião. (C5, V4, 2024, 24'41")

A busca por uma escola que possibilite a diversidade racial também é uma preocupação para inserção da criança na comunidade escolar:

Como era uma escola particular, eu sabia que teria um número de alunos negros muito pequeno, então eu queria que tivesse funcionários numa posição legal, professor, diretoria, e não só o cara da faxina, o cara que vai abrir a porta, a tia da cozinha. Essa escola que a gente foi, as duas coordenadoras eram negras. (C5, V4, 2024, 25'18")

Dentre os múltiplos desafios da escola, para além da transmissão pedagógica de conteúdos, destaca-se a relação estabelecida entre aluno e professor. Winnicott (2006, p. 229) argumenta que a criança leva para a escola suas dúvidas, suspeitas e modos próprios de lidar com a realidade, derivados do seu processo emocional de desenvolvimento. O autor reforça ainda que a criança espera encontrar no ambiente escolar uma continuidade — ainda que transformada — do ambiente familiar que lhe serviu de base.

Considerando o impacto psicossocial das relações que se produzem nestes espaços, torna-se indispensável que a escola favoreça ambientes de representatividade e respeito ao imaginário, à fantasia e às formas de pertencimento das crianças, incluindo aquelas oriundas de arranjos familiares diversos. Em razão de seu papel historicamente reproduzor da ordem vigente — marcada, em muitas instituições, por dogmas religiosos e ideologias políticas — torna-se legítima e necessária a transformação do discurso e das práticas escolares, de modo a possibilitar a reinvenção da própria experiência educativa.

Diante da complexa, embora não tão recente, dinâmica social da homoparentalidade, os desafios para as famílias homoparentais, a comunidade e a cultura como um todo, centra-se em elaborar os conflitos externos e internos com base na ressignificação da homossexualidade. Ainda que os avanços jurídicos e sociais para a comunidade LGBTQIAPN+ sejam vistos na atualidade, o preconceito reside no que se está recalcado no inconsciente, no que tange à sexualidade do sujeito e como cada pessoa lida com isso - o que pode ser manifestado pelo ódio daquilo que se deseja, colabora Iaconelli, (2024, p. 172).

Sob esse mesmo ponto de vista, Roudinesco (2021, p. 198) endossa concluindo que esses pais e mães errantes não inauguram uma desordem na civilização, ainda que se manifestem de forma inédita. A família segue sendo sonhada, amada e desejada, além de parecer como a única instância capaz de favorecer o surgimento de uma nova ordem simbólica. A autora conclui ainda que a família do futuro deve ser mais uma vez reinventada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo buscou compreender as singularidades na constituição dos vínculos afetivos entre crianças adotadas e seus cuidadores nas famílias homoparentais, a partir de uma compreensão psicanalítica. A pesquisa se desenvolveu por meio da busca pela produção teórica recente e pela leitura de artigos científicos sobre o tema. Além disso, incluiu a exploração de narrativas de casos reais disponíveis na plataforma do YouTube.

Neste percurso, foi possível considerar que a psicanálise sustenta, em sua teoria, uma compreensão do fenômeno inconsciente de forma subjetiva. Tal compreensão possibilita a elaboração de traumas presentes tanto nos adotados quanto aos adotantes. Ela também contribui para pensar o que constitui essa família diversa. Tudo isso ocorre em uma sociedade que se mostra, ao mesmo tempo, tão moral e amoral.

Foi possível analisar as particularidades dos processos de constituição vincular no contexto das famílias homoparentais. A partir disso, conclui-se que o impacto psíquico em crianças adotadas por essas famílias dependerá da forma como os pais exercerão a parentalidade. Esse aspecto não difere de outras configurações familiares. O fundamental é que exista o desejo genuíno de ocupar esse lugar parental.

Também é necessário que a criança seja acolhida em sua alteridade. Isso significa não a transformar em um objeto destinado a satisfazer uma necessidade narcísica dos pais. Além disso, é preciso evitar que a adoção seja apenas uma tentativa de inserção em uma norma social, antes proibida, pouco legitimada e carente de respaldo social ou de referências na literatura.

Para compreender esses sujeitos, gays e lésbicas que exercem a homoparentalidade, antes é necessário contextualizar o ideal do eu constituído e como relaciona-se com o eu ideal. A comunidade LGBTQIAPN+ revela-se uma dissidente da sociedade cis normativa, que apoiada na tríade desejo, cultura e lei, durante séculos mitigou a pluralidade e julgou o prazer do outro como pecado e perversão, ora criminalizando suas práticas eróticas e afetivas, ora moralizando, ora patologizando.

Essas últimas três versões do ódio ao estranho e à diferença (criminalizar, moralizar e patologizar), são manifestações de um mesmo e radical fenômeno constituído pela recusa narcísica ao que pode haver de alteridade no encontro com o Outro. O desafio por trás desse conservadorismo é descolar a sexualidade da reprodução, trabalhando o simbólico do prazer sexual para um campo distante da procriação, da política, da igreja e do conservadorismo de uma sociedade hegemonicamente falocêntrica.

Trata-se também de desnaturalizar a linearidade fundante dessa posição preconceituosa, que é, antes de tudo, um preconceito epistemológico historicamente consagrado e naturalizado: o suposto alinhamento sexo-gênero-desejo. Somos estruturalmente desalinhados, um outro nome para o irremediável desamparo humano.

Ainda que a passos lentos, os progressos sociais e jurídicos, na tentativa de coibir as fobias contra gays, lésbicas e pessoas trans, configuram crime e, por sua vez, contribuem para a desmarginalização, a desmoralização e a despatologização da homossexualidade. Esta, antes tida como uma perversão, começa a ser revista no campo social e científico, muito embora Freud tenha se manifestado expressamente sobre o tema em sua carta a uma mãe americana.

Os homossexuais têm uma relação ambígua com a instituição família. Rompem com a normalização heterossexual, mas, ao mesmo tempo, desejam se incluir nela. Essa inclusão ocorre por meio da estruturação de sua própria família. Nessa dinâmica, fica exposto que os valores da família de origem, as regras sociais e a moral, compreendidos como funções superegoicas, compõem a psique de cada pai ou mãe homossexual. Esses elementos fazem com que o desejo de se integrar seja mantido. Contudo, essa busca ocorre levando em conta suas personalidades e individualidades.

Por consequência, a homoparentalidade torna-se um desafio, pois se constitui como um terreno pouco explorado e apenas razoavelmente conhecido. Como visto nas narrativas, os sujeitos homossexuais carregam consigo um sentimento de incompetência socialmente produzido. Esse sentimento surge da impossibilidade de gerar um filho biológico dentro de suas relações. Em decorrência disso, aparece também a sensação de incapacidade para exercer a parentalidade. Tal vivência carecia de simbolização e de um espaço legítimo na sociedade.

Importante diferenciar a conjugalidade da parentalidade. Esta, pode ter reflexos da família de origem por meio da simbolização do amor e do cuidado, como forma de criar vínculo afetivo com a criança adotada. Entretanto, a conjugalidade toma outros rumos, com suas dores e suas riquezas por ser distinto da família heterossexual.

As facetas do trauma na adoção reverberam na elaboração de como a criança lidará com o abandono, a privação de sentir-se desejada e como ressignificará tais vivências, podendo vir a dar-lhes outro sentido. Independentemente da idade, a criança maior também trará consigo o bebê de outrora, que precisa ser acolhido e desvendado. Para tanto, os pais precisam proporcionar um ambiente suficientemente bom, respeitar o luto da criança, lidar com a verdade e com a realidade de comporem uma família homoparental. Apostar na potência amorosa de ter sido escolhido e adotado em lugar de ruminar melancolicamente a impotência do abandono e da privação.

As implicações dos processos vinculares entre crianças e adultos no contexto da homoparentalidade e seus potenciais efeitos na constituição psíquica e o laço social também foram estudados. O vínculo, se desenvolvido com acolhimento e lidando com a realidade, mitigando as expectativas ilusórias, oportuniza uma elaboração e ressignificação do trauma vivenciado pela criança. Em suma, o vínculo na homoparentalidade não se funda no modelo heteronormativo nem na complementaridade dos sexos, mas na função desejante que sustenta o lugar parental, capaz de simbolizar a diferença e oferecer um ambiente suficientemente bom para reinscrever o trauma da adoção.

O desafio para a cultura relaciona-se com a limitação desta investigação, a qual centra-se na necessária ampliação de estudos sobre a homoparentalidade e para além dela: a reinvenção das famílias de “todos os gêneros”. No caso da homoparentalidade, não se apagam os séculos de repressão nem o presente preconceito contra a comunidade plural.

Por isso, é necessário que os temas abordados neste trabalho não ensinem a homoparentalidade, mas sim a inspirem a partir do reconhecimento do não-saber, do enigma, da incerteza, da experimentação: que inspirem a elaboração do trauma do preconceito e a representatividade marcada pelo amor. Um amor de todas as cores, gêneros, formas, laços e nós. Apostar em fazer laços e desmanchar nós, desafio dado desde sempre e para todos, na aventura sempre arriscada e gratificante de “viver junto”.

REFERÊNCIAS

- BOWLBY, John. 1989. **Uma base segura: aplicações clínicas da teoria do apego.** Porto Alegre: Artes médicas.
- DA MATA, Josiana Jesus e SCORSOLINI, Fabio Comin. 2022. Conjugalidade e parentalidade adotiva em casais de gays e lésbicas: costuras a partir da transmissão psíquica. **Revista Avanços em Psicologia Latino-americana.** Disponível em: <http://www.scielo.org.co/pdf/apl/v40n2/2145-4515-apl-40-02-4.pdf> Acesso em 03 de novembro de 2025.

- DA SILVA, Mila Cristian et al. 2021. Narrativas autobiográficas sobre psoríase nas redes sociais: análise de depoimentos de usuários do YouTube. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 16, e30101623210, 2021. Páginas 1 - 11. Disponível em: <https://rsdjournal.org/rsd/article/view/23210/20680> . Acesso em 29 de outubro de 2025.
- FREUD, Sigmund. 1996. Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia: Caso Schreber (1911). **Edição Standart brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, Sigmund. 2011. **A psicologia das massas e análise do Eu** (1921). In: Obras completas, v. 15. São Paulo: Companhia das Letras.
- FREUD, Sigmund. 2018. **Amor, sexualidade, feminilidade**. Tradução de Maria Rita Kehl. Belo Horizonte: Autêntica Editora.
- FREUD, Sigmund. O ego e o id e outros trabalhos (1923 - 1925). 1996. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, v. 19.
- HASSUNUMA, R. M., GARCIA, P. C., VENTURA, T. M. O., SENEDA, A. L., e MESSIAS, S. H. N. 2024. Revisão integrativa e redação de artigo científico: uma proposta metodológica em 10 passos. **Revista Multidisciplinar De Educação e Meio Ambiente**, 5(3), 1–16. Disponível em: <https://doi.org/10.51189/integrar/rema/4275> . Acesso em 14.9.2025.
- IACONELLI, Vera. 2024. **Felicidade ordinária**. Rio de Janeiro: Zahar.
- KLEIN, Melanie. 2023. **Amor, culpa e outros ensaios**. São Paulo: Ubu Editora.
- LACAN, Jacques. 1995. **O seminário, livro 4: a relação de objeto**. Tradução de Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Editora Zahar.
- MOUTINHO e DE CONTI. 2016. Análise Narrativa, Construção de Sentidos e Identidade. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**. Abr-Jun 2016, Vol. 32 n. 2, pp. 1-8. Disponível em <https://www.scielo.br/j/ptp/a/tsfbSKpvYzygrVG5mrP7x4Q/?format=pdf&lang=pt> . Acesso em 14.9.2025.
- REIS, Brenda Lobato e DE PAULA, Fernanda O. Queiroz. 2025. Dimensão psicossocial da adoção homoafetiva: um olhar psicanalítico. **Cadernos de Psicologia**. Disponível em: <https://seer.uniacademia.edu.br/index.php/cadernospsicologia/article/view/4527/3404> . Acesso em 03 de novembro de 2025.
- ROUDINESCO, Elizabeth. 2021. **A família em desordem**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003. Edição atualizada: 2021.
- SAMPAIO, Débora da Silva e LEAL, Vândia Cristina Rodrigues. 2022. Homoparentalidade adotiva: a construção do vínculo parento-filial nas adoções de casais homossexuais. **Revista Passages de Paris – Associação de Pesquisadores e Estudantes Brasileiros na França**. Disponível em: <https://www.apebfr.org/ojs/index.php/passadesdeparis/article/view/106/89> . Acesso em 03 de novembro de 2025.
- SEI, Maíra Bonafé e MACHADO, Rebeca Nonato. 2020. **Homoparentalidade feminina e a adoção conjunta de irmãos: expectativas e impasses**. Disponível em: <https://www.apebfr.org/ojs/index.php/passadesdeparis/article/view/15/16> . Acesso em 03 de novembro de 2025.
- SUY, Ana. **A gente mira no amor e acerta na solidão**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2022.

- WINNICOTT, Donald. **Falando com pais e mães**. São Paulo: Ubu Editora, 2023.
- WINNICOTT, Donald. **Família e desenvolvimento individual**. São Paulo: Ubu Editora, 2023.
- WINNICOTT, Donald. **A criança e o seu mundo**. Rio de Janeiro: LTC, 2006.
- WINNICOTT, Donald. **Privação e delinquência**. São Paulo: Martins Fontes Editora, 1987.